

No caminho, uma pedra

Evaristo Eduardo de Miranda*

Os enigmas nesta vida chegam de repente: um acidente, a perda inesperada de um ser querido, uma deficiência física ou mental, uma separação inimaginável, uma violência aleatória, uma grave enfermidade. Eles são uma via inquietante para irmos a nós mesmos, sem ser devorados por ilusões de poder ou saber.

Diante do enigma são várias as atitudes. A mais comum é a perplexidade. Diante da desgraça, esse comportamento está ligado, em geral, à idéia inconsciente de julgamentos ou merecimentos. Por que essa pedra no caminho? Por que eu? Por que comigo? O que eu fiz? Quem é o culpado? De onde vem essa desgraça? Bate-se de frente com essa pedra, com esse muro impenetrável, ao se querer ver através dela. Essa via, das justificativas e explicações, é plena de esterilidade. A interrogação sobre a origem do mal, quase sempre, não leva a nada. Vem de pressupostos equivocados. Seríamos culpados do quê? De haver amado?

No evangelho de João, os discípulos perguntam a Jesus o porquê de um homem nascer cego. Quem pecou para que ele fosse cego de nascença? Ele? Seus pais? Jesus responde. Nem ele, nem sua família. O problema não é o porquê do mal, mas o que vocês fazem com ele! Cristo constata o fato, a realidade, e põe claramente a questão: o que fazer do enigma apresentado pela vida? Ele serve para quê? "Para que as obras de Deus se manifestem" (Jo 9,3).

Para muitos os enigmas vêm como pedra de tropeço. Para outros, eles são um marco

a ser contornado, uma referência no caminho, uma inflexão na trajetória. Na Roma antiga, as corridas de carros de combate se faziam num estádio oval. No meio da pista — uma elipse bem alongada — havia um canteiro central, a *spina*. O étimo *spina* está na origem das palavras *espinho* e *espinha dorsal*. Ele identifica tudo o que pica e, sobretudo, evoca o desafio do caminho espinhoso. Em cada extremidade da *spina*, divisor da arena romana, havia uma pedra de cabeceira. Se na curva o corredor se afastasse demasiadamente da pedra, para evitar um choque, arriscava perder a rota e o impulso. Se se aproximasse demasiado, corria o risco de chocar-se. Como hoje, nas curvas fechadas das corridas de automóvel, os enigmas são difíceis de contornar.

Um dos desafios dos enigmas é passar perto, reconhecê-los e não se chocar. Alguns se afastam, fogem para bares, bebidas, sexo... buscam uma "nova" vida. Evitam a realidade e trilham o caminho da perdição completa de sua identidade. Para outros, o enigma vem como pedra de tropeço, obstáculo, chamado ao imobilismo, ao choque ou à destruição. Soçobram na melancolia. Ou buscam ilusoriamente alguma forma de remover essa pedra ou fazê-la desaparecer. No caminho havia uma pedra: marco de referência, baliza ou razão de choque, tropeço e descaminho?

Em muitas parábolas, os evangelhos ensinam: a prova que nos foi dada deve ser transformada numa jóia, única e de infinito valor. Isso é possível pelo trabalho do So-

pro, do Espírito, mas não é fácil. A ajuda externa é quase inútil. Ninguém pode se colocar no lugar do outro nem na plenitude de sua dor. Os enigmas ensinam a existência de passagens irreduzíveis e intransferíveis na vida, chamadas diferenciadores, únicas como nosso próprio ser.

Os enigmas desafiam nosso sentimento de onipotência. Esse ilusório sentimento de poder, de poder muito — graças às nossas capacidades materiais e intelectuais — é fortemente questionado pelos enigmas irreversíveis. Eles chegam como uma oportunidade de um novo caminho, sempre próprio e apropriado, para irmos à descoberta de nós mesmos. Eles surgem como uma via de superação da ilusão da onipotência e também da onisciência. Eu não sei, não entendo nem posso saber ou entender tudo! Aceito o

mistério e vou dar-lhe um lugar em minha vida. Enigmas são incompreensíveis, e como é difícil aceitar nossa própria miséria, nossa imperfeição e nossa deficiência!

A atitude possível: aceitar e doar. O dom de si começa nesse duro trabalho de compreensão (e aceitação!) do enigma. É normal. Descobrimos que não somos Deus. Mas ele assegura a existência de um caminho.

Existe um caminho e não podemos errar. Senão, seria a morte. O caminho é espinhoso, mas existe. Uma via para transformar em graça a desgraça. A nós cabe encontrá-lo.

***PROFESSOR DA USP, PESQUISADOR DA EMBRAPA E DA ECOFORÇA. É AUTOR DO LIVRO AGORA E NA HORA — RITOS DE PASSAGEM À ETERNIDADE, EDIÇÕES LOYOLA.**